

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

A Tradição Oral de Luéji e o primeiro Muata Ianvo da Lunda (África Central): proposta didática para o ensino de História na educação básica

Giulia Silva Cabral, Elaine Ribeiro, Vitória Massami Kikuti, Isaac Marques de Souza Garcia

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15262>

Submetido em: 2026-03-02

Postado em: 2026-03-19 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A Tradição Oral de Luéji e o primeiro Muata Ianvo da Lunda (África Central): proposta didática para o ensino de História na educação básica¹

The Oral Tradition of Luéji and the First Muata Ianvo of Lunda (Central Africa): A Pedagogical Proposal for History Teaching in Basic Education

Giulia Silva Cabral

Discente do curso de História da UNIFAL-MG e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Alfenas, Minas Gerais, Brasil. Email: giulia.cabral@sou.unifal-mg.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-9447-7908>

Vitória Massami Kikuti

Discente do Programa de Pós-Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e bolsista FAPEMIG BDCTI – Nível III, Alfenas, Minas Gerais, Brasil. E-mail: vitoria.kikuti@sou.unifal-mg.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2607-6606>

Isaac Marques de Souza Garcia

Discente do Programa de Pós-Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e bolsista FAPEMIG BDCTI – Nível III, Alfenas, Minas Gerais, Brasil. E-mail: isaac.garcia@sou.unifal-mg.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-4948-917X>

Elaine Ribeiro

Professora doutora da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Coordenadora do projeto Mukanda Histórica Digital, Alfenas, Minas Gerais, Brasil. E-mail: elaine.ribeiro@unifal-mg.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3703-4426>

RESUMO

O presente trabalho apresenta a análise crítica e a aplicação didática da Tradição oral de Luéji e o primeiro Muata Ianvo, da região da Lunda, na África Central. A pesquisa visa demonstrar o potencial didático dessa fonte para romper com o ensino de História pautado em um recorte historiográfico eurocêntrico por meio do estudo das cosmopercepções da Lunda. Para alcançar esse objetivo, foi utilizada uma metodologia que combinou a descrição da fonte, a

¹O presente preprint resulta das investigações empreendidas no projeto Mukanda Histórica Digital, desenvolvido no Departamento de História da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e sob financiamento da FAPEMIG. Para um exame detalhado do projeto, acesse a plataforma institucional: <https://app.unifal-mg.edu.br/historiadigital/>

análise crítica a partir de referenciais teóricos e a elaboração de uma sequência didática para o 7º ano do Ensino Fundamental. O processo de descrição da fonte foi refinado com o auxílio de ferramentas de Inteligência Artificial (DeepSeek). Os principais resultados obtidos foram a descrição e análise de uma fonte de arquivo colonial sob a perspectiva da cosmopercepção da Lunda, transformando o registro em uma ferramenta potente para a desconstrução da “história única”. Em conclusão, a fonte se apresenta como um recurso para um ensino de História, contribuindo efetivamente para o cumprimento da Lei 10.639/03 e a valorização dos saberes da Lunda na Educação Básica.

Palavras-chave: Tradições Orais, Oralidade, Luéji, Ensino de História, História da Lunda (África Central).

ABSTRACT

This study explores the critical analysis and instructional implementation of the oral tradition of Luéji and the first Mwata Yamvo, from the Lunda region in Central Africa. The research aims to demonstrate the educational potential of this source to break with the teaching of history based on a Eurocentric historiographical framework through the study of the cosmoperceptions of the Lunda. To achieve this goal, the methodology used was a combination of: description of the source, critical analysis based on theoretical references, and the development of a teaching sequence for the 7th grade of elementary school. The font description process was refined with the help of Artificial Intelligence tools (DeepSeek). The main results obtained were the description and analysis of a colonial archive source from the perspective of Lunda cosmoperception, transforming the record into a powerful tool for deconstructing the “single story”. In conclusion, the source is presented as a resource for teaching history, effectively contributing to compliance with Law 10.639/03 and the appreciation of Lunda knowledge in basic education.

Keywords: Oral Traditions, Orality, Luéji, History Teaching, History of Lunda (Central Africa).

Introdução²

Este artigo visa apresentar a potencialidade do uso da Tradição Oral de Luéji e o Primeiro Muatiânvua para o ensino de História da Lunda na educação básica. Essa proposta colabora para o cumprimento da Lei 10.639/03, instituída em 2003 no Brasil, que tornou obrigatório o ensino de História da África e Cultura Afro-Brasileira nos currículos do Ensino Fundamental e Médio. Essa legislação promoveu a ampliação dos horizontes históricos,

² Declaramos que a redação do presente trabalho contou com o suporte da Inteligência Artificial modelo Gemini 3.1 Pro, sob licença institucional da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), exclusivamente para revisão de linguagem: melhoria da gramática, ortografia, clareza e estilo do texto. Toda supervisão, validação e autoria intelectual do artigo são de responsabilidade dos autores humanos.

buscando tornar o currículo mais plural e completo em contraposição às perspectivas majoritariamente eurocêntricas tradicionalmente presentes no ensino de História.

Atualmente, os (as) professores(as) de História enfrentam diversos desafios, como a desvalorização da profissão docente e as cargas horárias excessivas. Soma-se a isso a dificuldade de acesso a materiais e fontes da História da Lunda, tornando o trabalho em sala de aula suscetível à manutenção de programas de ensino colonizados e a temáticas majoritariamente eurocêntricas.

Nesse contexto, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), na edição 2024/2026 do curso de História da UNIFAL-MG atua com o núcleo “Descolonização do conhecimento histórico”, buscando promover a inserção da História da Lunda no ensino de história.

A Lunda é um espaço histórico da África Central, que atualmente se encontra sob território de três países: Angola, República Democrática do Congo e Zâmbia. Foi definida por M’Bokolo (2009, p. 551) como um “espaço de convergência”, devido aos intensos fluxos demográficos, comerciais e culturais que ali ocorriam. Atualmente, mesmo após a instauração dos Estados-nação, as identidades coletivas das populações da Lunda persistem com base na memória das tradições orais (Tavares, 2009, p. 228).

Dentre essas narrativas, destaca-se a Tradição oral de Luéji e o primeiro Muata Ianvo. Em vista disso, o artigo almeja apresentar e analisar criticamente essa tradição, que foi recolhida pelo major português Henrique Augusto Dias de Carvalho, intitulado por ele como “Lenda de Ilunga e Luéji”³, demonstrando seu potencial como fonte para a descolonização do conhecimento histórico.

A partir da análise dessa fonte, propomos aos docentes uma sequência didática acessível e adaptável que utiliza a tradição oral para estudar a cosmopercepção da Lunda, a fim de romper com concepções únicas de mundo. O objetivo é fornecer ao professor uma ferramenta concreta para realizar a análise documental na sala de aula, destacando que, apesar de a fonte ter sido produzida sob interesses coloniais, ela permite o acesso à tradição oral e aos conhecimentos das populações da Lunda.

A sequência didática proposta busca trabalhar com o 7º ano do Ensino Fundamental II (anos finais), em diálogo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), principalmente

³ Optamos por utilizar "Tradição oral de Luéji e o primeiro Muata Ianvo" para nos referirmos à fonte. Tal escolha reflete um posicionamento metodológico que visa descolonizar a narrativa histórica, reconhecendo a legitimidade do saber da Lunda.

em relação à unidade temática “O mundo moderno e a conexão entre sociedades africanas, americanas e europeias” e contempla o objeto de conhecimento “Saberes dos povos africanos e pré-colombianos expressos na cultura material e imaterial”. Além disso, a proposta cumpre a habilidade (EF07HI03), que orienta o estudante a identificar elementos das sociedades africanas e americanas antes do contato com os europeus, destacando a organização social, os saberes e as técnicas dessas populações (Brasil, 2017, p. 422-423).

Para alcançar esse objetivo, o texto foi estruturado nas seguintes seções: 1. A tradição oral de Luéji e o primeiro Muata Ianvo: análise e potencial didático da fonte, onde são apresentados a descrição da fonte, um resumo da tradição oral (utilizada tanto para a análise quanto como recurso para a sequência didática), a análise crítica e sua pertinência para o ensino de história. 2. Sequência didática: aplicação da fonte em sala de aula, na qual é utilizado o formato de tabela para oferecer um guia prático, passo a passo, de como utilizar a fonte analisada em sala de aula.

A tradição oral de Luéji e o primeiro Muata Ianvo: análise e potencial didático da fonte

O foco central desta seção é a análise da Tradição oral de Luéji e o primeiro Muata Ianvo. O documento foi registrado pelo major português Henrique de Carvalho, quando chefiava a Expedição Portuguesa ao Muatiânvua, realizada entre os anos de 1884 e 1888.

A análise da fonte seguiu uma metodologia em etapas: realizamos a descrição da fonte, inicialmente sem o uso de inteligência artificial (doravante IA), buscando destacar os elementos da obra sem fazer inferências imediatas. Em seguida, solicitamos que o mesmo processo fosse desenvolvido pelas IA DeepSeek. O passo final dessa etapa foi a comparação das descrições para desenvolver um texto que abarcasse as melhores contribuições de ambas as versões. Produzimos, ainda, um resumo da tradição oral a partir da leitura da fonte, destacando os pontos essenciais, este resumo será utilizado para a análise da fonte neste artigo e também como recurso para a sequência didática.

Em seguida, prosseguimos para o estudo do contexto de produção do registro de Henrique de Carvalho (1890), tendo como base as contribuições de Ribeiro (2013) sobre a Expedição Portuguesa ao Muatiânvua. Considerando os interesses coloniais inscritos na fonte, buscamos romper com a narrativa única do olhar eurocêntrico (Feierman, 1993; Adichie, 2019). Para isso, desenvolvemos uma leitura crítica da tradição oral que percebe os saberes

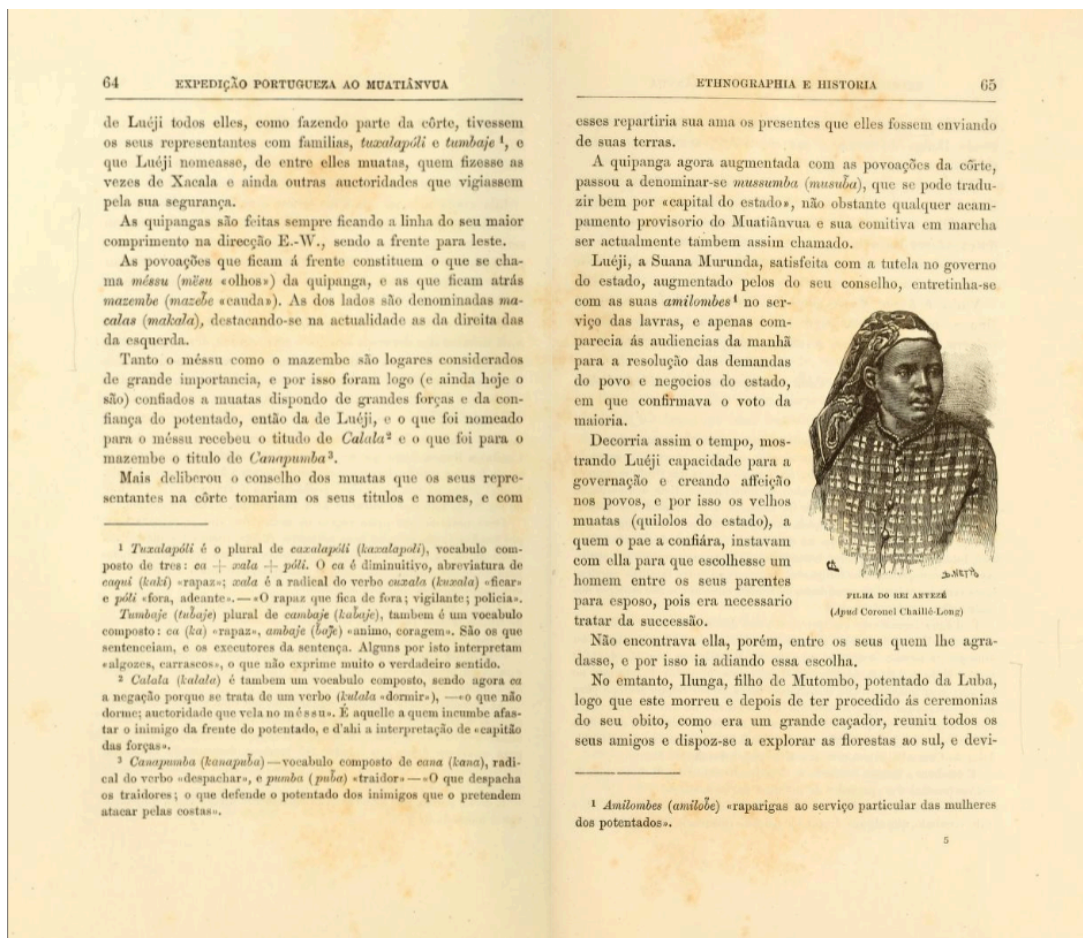
das populações da Lunda no discurso colonial. Para a compreensão da oralidade e suas cosmopercepções próprias, nos apoiamos nos textos de Amadou Hampaté Bâ (2010) e Oyèrónké Oyěwùmí (2002). Também utilizamos os trabalhos de Palmeirim (2008) e Tavares (2009) para compreender as especificidades, as variações e a importância da Tradição oral de Luéji e o primeiro Muatiânvua. Tomando essa bibliografia como base teórica para a discussão, enfatizamos o potencial didático do uso dessa tradição oral para o ensino de história.

A Descrição da Fonte

A Tradição Oral de Luéji e do primeiro Muata Ianvo, está disponível digitalmente no site “Internet Archive” (archive.org) e custodiada pela Smithsonian Libraries and Archives-Digital Library. Trata-se de um trecho presente entre as páginas 60 e 74 do livro Expedição Portuguesa ao Muatiânvua Ethnographia e Historia Tradicional dos Povos da Lunda, de autoria do chefe da expedição, Henrique de Carvalho.

Todas as páginas são enumeradas. Na digitalização dessas páginas é possível observar que são coloridas com tons amarelados e com algumas manchas mais escuras.

Imagem 1: imagem da fonte digitalizada no site.



Fonte: Internet Archive (2025).

Na folha de rosto do livro há a informação de que a publicação foi feita pela “Imprensa Nacional”, em Lisboa, no ano de 1890. Constam marcas de escrita a mão acima da impressão original. Além disso, há a indicação de autoria das ilustrações por H. Casanova, carimbos com as inscrições “OFERECIDO PELO MINISTÉRIO DA MARINHA E ULTRAMAR” e “SMITHSONIAN LIBRARIES”.

Em relação à estrutura, a tradição oral é apresentada em uma parte do livro intitulada: “A origem dos povos de Lunda” e marcada sequencialmente como “Lenda de Ilunga e de Luéji”.

O texto em si não possui uma marcação de início clara, como um título específico e está estruturado em parágrafos escritos predominantemente em português, mas com a inserção de palavras na língua local. Tais expressões são acompanhadas por notas de rodapé,

presentes na maioria das páginas (exceto a página 68). As informações contidas nas notas não são traduções diretas (palavra = tradução), mas sim interpretações e significados dados pelo autor à língua local.

O autor adota a escrita em terceira pessoa, sem a presença de diálogos ou descrições físicas dos indivíduos, tendo como foco os seus comportamentos.

As páginas 65 e 73 possuem ilustrações. A página 74 encerra a seção sobre a tradição oral com a inclusão de outros assuntos, sem uma finalização evidente.

Resumo da tradição oral de Luéji e o primeiro Muata Ianvo

A seguir, apresentamos o resumo da tradição oral da Lunda, conforme registrado na obra de Carvalho (1890, p. 60-74), com o intuito de facilitar a compreensão e aplicação didática.

Iala Macú, chefe dos Bungos, tinha três filhos: os homens Quinguri e Iala, e a mulher Luéji.

Certa noite, Iala Macú tecia uma esteira quando seus filhos homens chegaram embriagados. Ao lado do pai, havia uma bacia d'água usada para o trabalho. Os filhos interpretaram como sendo vinho de palma. Quinguri e Iala, irados por se sentirem desprezados pelo pai por ele não lhes ter oferecido a bebida, começaram a insultar Iala Macú. Quando o pai deu de ombros, o filho mais velho, sentindo-se ultrajado, atirou um objeto que o derrubou. Os filhos o agrediram até que ficasse banhado em sangue.

Luéji, quando terminou seu trabalho na lavoura, voltou para casa. Não encontrou o pai, mas ouviu gemidos. Correu com suas serviçais para o local e encontrou Iala Macú ensanguentado e ferido. Cuidaram dele rapidamente.

Debilidado, Iala Macú soube que seus últimos momentos chegavam. Temendo que os filhos tomassem o poder, passou seu lucano – o bracelete e símbolo de sua chefia – para Luéji. Assim, ela foi reconhecida como a herdeira de seu poder. Como último desejo, ele pediu que Luéji se casasse com um homem digno de receber o lucano, e, portanto, o poder, junto a ela.

Após a morte de seu pai, Luéji continuou seu serviço na lavoura e assumiu também as demandas da população. Era um tempo de transição, pois ela procurava o marido que a auxiliaria no governo.

Um dia, Luéji e suas serviçais foram banhar-se no rio durante o descanso. Um grupo de caçadores luba passou por ali e as observou. As moças recuaram assustadas. Porém, um caçador, Ilunga, chamou a atenção de Luéji. A atração foi mútua. Luéji, então, ofereceu abrigo ao grupo de caçadores.

A relação entre Luéji e Ilunga fortaleceu-se rapidamente. Ela o escolheu como noivo. A decisão foi aprovada por toda a coletividade dos Bungos, que temiam os irmãos de Luéji e viam grande força nela. Luéji e Ilunga casaram-se. O lucano foi passado a Ilunga, que era visto por todos como um grande protetor.

Luéji engravidou de Ilunga e deu à luz a Noeji. Embora houvesse receio de que os irmãos de Luéji pudessem machucar o bebê, todos viam em Noeji a promessa de um poder legítimo, originado do matriarcado e capaz de unir as populações.

Noeji tornou-se o primeiro Muata Ianvo da Lunda, o chefe de um vasto espaço que hoje engloba partes de Angola, República Democrática do Congo e Zâmbia.

Com o resumo estabelecido, a próxima subseção se dedica à análise crítica dessa tradição oral, buscando identificar a cosmopercepção da Lunda.

A tradição oral e a cosmopercepção Lunda

A transcrição da Tradição Oral de Luéji e do primeiro Muata Ianvo ocorreu no contexto da expedição liderada por Carvalho entre 1884 e 1888, um período marcado pela constante disputa europeia pelos espaços do continente africano.

A busca pelo domínio territorial tinha como pressuposto a noção de colonização alinhada aos estudos científicos e à implantação de civilização. Assim, a Exploração Portuguesa ao Muatiânvua inscreve-se nessa lógica, possuindo um caráter científico e etnográfico que servia como um dos meios para a colonização desses territórios. A importância da obra de Carvalho reside justamente no seu paradoxo: mesmo com essas noções coloniais, sua intenção de registro de conhecimentos sobre a Lunda acaba por preservar e apresentar os saberes das populações que habitavam esse espaço (Ribeiro, 2013, p. 98-132)

Diante da percepção dos interesses coloniais e civilizatórios na produção da fonte, é preciso desenvolver um olhar crítico que busca filtrar os elementos que compõem o discurso colonial para acessar os saberes e a cosmopercepção das populações da Lunda.

O conceito de cosmopercepção, conforme definido pela intelectual nigeriana Oyèrónké Oyěwùmí (2002, p. 3), refere-se à forma de apreender o universo que se difere da “visão de mundo” ocidental por não se limitar ao sentido da visão. Trata-se de uma compreensão em que todos os elementos estão intrinsecamente interligados e manifestam-se nos diversos sentidos.

Dessa forma, a postura de filtrar o discurso colonial foi influenciada pela crítica de Steven Feierman (1993, p. 10-11), que denuncia o eurocentrismo em excluir da história elementos considerados “menos centrais no curso da civilização ocidental”. A partir dessa filtragem é possível acessar na fonte colonial o que foi tomado por uma historiografia eurocentrada como “menos importante”.

A exclusão desses elementos da História manifesta-se como o “perigo da história única”, nos termos de Chimamanda Adichie (2019). Segundo a autora, quem narra a História possui o poder de torná-la definitiva. Diante disso, por muito tempo o continente africano foi retratado depreciativamente. Assim, filtrar o discurso é uma forma de desarmar o poder da história eurocêntrica.

Como exemplo dessa análise crítica, destacamos a nomeação dada por Carvalho, “Lenda de Ilunga e de Luéji”, em contraste com a nossa opção de tratá-la como Tradição oral de Luéji e o primeiro Muata Ianvo.

Tendo em vista a impossibilidade do estabelecimento de um título específico ou uma origem determinada para essas histórias, optamos por adaptar o seu título para expressar melhor os conhecimentos da oralidade. Por ser transmitida e reconfigurada de geração em geração, a tradição oral não se submete a autoria única de autor ou a uma data de criação. Ao invés de ser um registro estático, essa narrativa configura-se como uma memória viva, sendo um elemento importante da identidade coletiva das populações da Lunda.

Assim, ao classificá-la como “lenda”, Carvalho a reduz a algo místico, mitológico e, implicitamente, inferior aos ideais europeus de História. Além disso, o chefe da expedição destaca Ilunga (marido de Luéji), entretanto a narrativa acompanha mais diretamente a trajetória de Luéji. Interpretamos que essa ênfase pode demonstrar traços de desvalorização de figuras femininas em detrimento das masculinas. Por fim, o nome “Muata Ianvo” foi inserido

no título porque a tradição oral culmina em seu nascimento e, conseqüentemente, no surgimento de uma figura de poder que tem por princípio a oralidade e a ancestralidade da Lunda.

Essa fundação do poder da Lunda com base na oralidade e na ancestralidade rompe com uma lógica eurocêntrica, pois essa forma de organização transcende as noções baseadas no modelo europeu que centraliza chefias em títulos como “imperador” ou “rei”, que são ineficientes para descrever essa figura.

O entendimento da cosmopercepção confronta também a visão logocêntrica ocidental, que considera a escrita como um marcador de civilização e historicidade. Tal premissa é alvo da crítica de Feierman (1993), que demonstra como a historiografia, ao adotar uma postura eurocêntrica, se baseou na ideia de que somente sociedades produtoras de documentos escritos seriam temas naturais e merecedores de atenção histórica.

Diferente das sociedades da escrita, na oralidade a palavra falada é a mais valorizada. Conforme destaca Hampaté Bâ (2010, p. 168), ao ser proferida, a palavra estabelece e renova o vínculo da coletividade e expressa a identidade de quem lhe dá como testemunho. Neste contexto a tradição oral envolve diversos elementos da existência:

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. [...] Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial (Hampaté Bâ, 2010, p. 169).

Assim, a Tradição Oral de Luéji e o primeiro Muata Ianvo demonstra essa totalidade, sendo uma fonte para a compreensão da organização das populações da Lunda e da sua cosmopercepção.

Diante do entendimento da totalidade da tradição oral, o seu estudo não deve buscar por versões “fidedignas” da narrativa. Conforme argumenta Palmeirim (2008), as discrepâncias e contradições entre as diferentes versões não são obstáculos, mas sim uma qualidade intrínseca que lhes confere um caráter dinâmico. Tavares (2009) complementa essa visão ao argumentar que, mesmo diante dessas variações, o valor das entidades legitimadoras da narrativa permanece. Essas narrativas históricas são influenciadas pelas experiências das gerações mais velhas, mas também pelos registros escritos produzidos por agentes coloniais,

como o caso da transcrição feita por Carvalho (1890). Essas diferentes versões são reivindicadas por coletividades da região da África Central como parte de suas origens.

Essa permanência demonstra como a tradição oral estabelece uma ligação entre a narrativa e a identidade coletiva das populações da Lunda, garantindo a manutenção dos princípios que estruturam sua cosmopercepção. Desse modo, a adoção do termo “tradição oral” (em detrimento de “lenda” ou “mito”) reflete nosso posicionamento metodológico, pois reconhecemos que o valor da fonte reside justamente em sua capacidade de expressar essa cosmopercepção da Lunda.

O potencial da Tradição oral de Luéji e o primeiro Muata Ianvo para o estudo da História da Lunda

A Tradição Oral de Luéji e o primeiro Muata Ianvo constitui-se como uma importante fonte para o estudo da História da Lunda, pois nos indica elementos da cosmopercepção de várias populações que se identificam e se organizam a partir dela. Nesse sentido, destacamos seu uso na unidade temática “O mundo moderno e a conexão entre sociedades africanas, americanas e europeias”, e o objeto de conhecimento “Saberes dos povos africanos e pré-colombianos expressos na cultura material e imaterial” da BNCC (Brasil, 2017, p. 422-423). Ao ser trabalhada assim, identificamos o potencial didático da fonte para a descolonização do conhecimento.

A transcrição da tradição oral presente na obra de Carvalho (1890) permite o estudo da História em âmbitos complementares. O primeiro é o da História Geral, pelo entendimento do contexto de produção da fonte e a crítica documental ao discurso colonial. O segundo é o da História da Lunda (História da África), a partir de uma leitura que considere os elementos da cosmopercepção da oralidade para acessar os saberes e as formas de organização das populações da Lunda, a fim de romper com concepções únicas de mundo.

A relevância da proposta se alinha, portanto, ao argumento de Steven Feierman (1993, p. 11), que defende a diversificação de narrativas como um meio de desestabilizar a historiografia que tinha a Europa como princípio. Assim, o foco na Tradição oral de Luéji e o primeiro Muata Ianvo permite desconstruir características tomadas como universais, a exemplo da necessidade da escrita para a organização social e política, promovendo uma História efetivamente mais plural.

Ainda, o trabalho confronta o problema da “história única”, conforme alertado por Adichie (2019, p. 11). A autora ressalta sobre como a forma em que as narrativas são contadas está intrinsecamente ligada à estrutura de poder, que ela define pelo termo igbo *nkali* (ser maior do que o outro). Ainda, Adichie (2019, p. 11) reforça, “assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de *nkali*: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder”.

Ao estudar a tradição oral da Lunda, buscamos romper com esse princípio de *nkali* na história eurocêntrica, abrindo espaço para a pluralidade de concepções de mundo, para além de uma única. O estudo da Tradição Oral de Luéji e o primeiro Muata Ianvo permite que os estudantes tenham acesso a novas cosmopercepções e, assim, abram seus horizontes epistemológicos, permitindo a compreensão de si e do mundo ao seu redor.

Sequência didática: aplicação da fonte em sala de aula

Esta seção oferece uma proposta prática de aplicação da fonte Tradição oral de Luéji e o primeiro Muata Ianvo como intervenção didática eficaz, preferencialmente direcionada ao 7º ano do Ensino Fundamental II - Anos finais.

Ao final da sequência didática, o(a) estudante deverá ser capaz de reconhecer que a História é construída por meio de seleções temáticas e temporais intencionais, compreendendo que esses recortes refletem as concepções de mundo de quem os realiza. A partir dessa perspectiva crítica, desenvolverá noções sobre a dimensão e a pluralidade do espaço geográfico africano, identificando a diversidade de populações e de cosmopercepções. Nesse sentido, o(a) estudante deverá reconhecer a Tradição Oral de Luéji e o Primeiro Muata Ianvo como fonte histórica para a compreensão da cosmopercepção Lunda. Por fim, deverá perceber o registro da tradição oral como fruto da ação de colonizadores e, conseqüentemente, a necessidade de romper com essa história única, consolidando assim o aprendizado sobre a descolonização do conhecimento.

A sequência didática sugerida tem duração de duas aulas de 50 minutos cada. No entanto, é fundamental ressaltar seu caráter sugestivo e adaptável. Dessa forma, o (a) docente pode realizar as alterações e reorganizações conforme necessárias, ajustando os tempos e os recursos para suas especificidades.

A primeira etapa da aula será dedicada à reflexão com base na questão norteadora: “O que vocês conhecem da História da África?”. É esperado que a sondagem do conhecimento prévio dos alunos revele lacunas ou apresente exemplos baseados no senso comum, por vezes, remetendo a contextos externos ao continente. Essas respostas servirão como ponte para a discussão sobre o Eurocentrismo, definido como a crença de que os moldes europeus constituem o padrão universal a ser seguido, desvalorizando outras concepções de mundo.

Para ilustrar o problema do eurocentrismo e suas consequências, o(a) docente deve demonstrar como a história africana foi frequentemente distorcida por observadores externos (europeus) e seus vieses coloniais, o que resultou no apagamento da agência e da complexidade das populações da Lunda. Como um exemplo concreto dessa modificação de sentido, recomenda-se utilizar a própria Tradição Oral de Luéji e o Primeiro Muata Ianvo para ressaltar a distorção dos títulos de chefia. O professor pode explicar que o título Muata Ianvo possui um significado intrínseco para as populações da Lunda, mas foi simplificado e repassado pelos colonizadores com os termos genéricos de “rei” ou “imperador”, ignorando a especificidade cultural. Dessa forma, o(a) docente deverá explicar que para romper com essa transmissão distorcida é preciso desempenhar uma filtragem crítica das fontes produzidas pelos europeus, buscando informações além da narrativa colonial hegemônica, como os conhecimentos e a agência das populações da Lunda, subjacentes ao registro.

Na etapa seguinte, o foco recai sobre as sociedades da oralidade e as tradições orais, estabelecendo uma reflexão crítica com os estudantes acerca da noção de escrita como um marco civilizatório universal. Para isso, o (a) docente deverá questionar “é possível construir conhecimento que não seja escrito?” e com base nas respostas dos (as) estudantes, o professor deverá explicar sobre a vivência pela oralidade, enfatizando a importância da fala sobre a escrita.

A terceira e última etapa desta aula será dedicada à análise e discussão dos Mapas 1, 2 e 3 para contextualizar o espaço geográfico e político da Lunda. O docente deverá iniciar com o Mapa 1, apresentando a geografia e a organização política atual do continente africano, com destaque para a tríplice fronteira (Angola, República Democrática do Congo e Zâmbia). Em seguida, o Mapa 2 será utilizado para evidenciar populações da África Central, representando “Lunda State”, “Luba State” e “Mussumba”. Por fim, o Mapa 3 deverá ser apresentado com foco na região da Lunda, evidenciando a localização das populações que compartilham

identidades coletivas atreladas à Tradição oral de Luéji e o primeiro Muata Ianvo⁴.

A segunda aula, também com duração de 50 minutos, com três etapas. A primeira etapa será destinada à retomada do conteúdo da aula anterior, focando no conceito de tradição oral e na delimitação do espaço histórico da Lunda.

Na segunda etapa, o(a) docente deverá apresentar a Tradição oral de Luéji e o primeiro Muata Ianvo. Sugerimos que a sala seja organizada em círculo para a realização da discussão, facilitando os alunos a se enxergarem e ouvirem. O professor deverá iniciar indicando o contexto de produção da fonte (o registro colonial) e, em seguida, narrar a tradição oral (utilizando o resumo da Seção 1.2), mantendo-se atento(a) a possíveis intervenções e dúvidas dos alunos.

Por fim, a terceira etapa será dedicada à análise da fonte. A sala deve se organizar em grupos de no máximo 5 estudantes e o(a) professor(a) entregará recortes específicos do resumo da Tradição Oral⁵. Esses recortes possuem como foco as passagens sobre a sucessão de Iala Macú, o encontro entre Luéji e Ilunga, e o nascimento do primeiro Muata Ianvo. Cada grupo deverá analisar um trecho e produzir um breve texto de, no máximo, uma folha apresentando os três focos de análise: 1) “O que é uma tradição oral?” É esperado que os alunos demonstrem compreender que as tradições orais são fontes históricas, que não somente relatam o passado, mas também organizam o presente. Os estudantes devem perceber que essas narrativas tratam de temas diversos (sociais, políticos e espirituais) e expressam elementos importantes da organização social e das identidades coletivas das populações da Lunda. 2) “Qual a importância da Tradição oral de Luéji e o primeiro Muata Ianvo para as populações da Lunda?” Espera-se que os alunos compreendam que a Tradição oral de Luéji e o primeiro Muata Ianvo funciona como a narrativa de origem da Lunda, servindo como uma explicação para o poder do Muata Ianvo. Por fim, o terceiro foco é a análise subjetiva e crítica dos trechos, norteadas pela questão “qual elemento ou informação chamou mais a atenção nesse trecho da tradição oral?” em que espera-se que estudantes identifiquem a organização política da Lunda (as ações de Luéji, o aspecto de legitimidade do lucano sobre a sucessão patrilinear e a fundação do poder como um ato de união coletiva).

A avaliação da eficácia de sequência didática será feita através da análise da qualidade dos textos produzidos pelos grupos, na qual os alunos compreendam o tema e produzam um

⁴ As sugestões de mapas estão disponibilizados no Anexo A.

⁵ As sugestões de recorte do resumo da tradição oral estão disponibilizados no Apêndice A.

bom texto de crítica à fonte, alinhados aos objetivos dessa proposta: descolonizar o conhecimento e compreender formas plurais de concepção de mundo, cosmopercepções.

Resumo da proposta de sequência didática

Ao final da aplicação da sequência didática, o estudante deverá ser capaz de:

- Compreender que a História é construída por meio de recortes temáticos e temporais com intencionalidades;
- Entender que as intencionalidades dos recortes refletem as cosmopercepções daqueles que os criam;
- Perceber a dimensão geográfica e a pluralidade populacional do continente africano, em específico da Lunda (África Central);
- Reconhecer a Tradição Oral de Luéji e o Primeiro Muata Ianvo como fonte histórica;
- Perceber parte da cosmopercepção Lunda pela tradição oral;
- Compreender a necessidade de romper com uma história única;
- Atingir o entendimento de que é preciso descolonizar o conhecimento que é trabalhado na educação básica.

Público-alvo sugerido: 7º ano do Ensino Fundamental II - Anos Finais.

Duração estimada: 2 aulas (100 minutos)

Aula	Etapa	Conteúdo e Metodologia	Materiais e Recursos
-------------	--------------	-------------------------------	-----------------------------

Aula 1	Fase Introdução	1: Contextualização e Crítica Curricular (15 min): Apresentação da importância do estudo da História da África com ênfase na Lunda, alinhada à crítica teórica ao eurocentrismo e de uma única concepção de mundo. Metodologia: Iniciar com a questão norteadora “O que vocês conhecem da História da África?”. Demonstrar a distorção histórica que o continente africano sofreu. Explicar a necessidade de filtragem crítica das fontes europeias.	Quadro ou Projetor.
---------------	----------------------------	---	---------------------

Fase 2: Saberes Africanos **Conceitos Chave (20 min):** Quadro ou Projetor.
Discussão sobre saberes africanos, sociedades da oralidade e **tradições orais**. Reflexão crítica sobre a noção de escrita como marco civilizatório. **Metodologia:** Questionar: “É possível construir conhecimento que não seja escrito?”. Explicar a maior importância da fala (do falar) na vivência pela organização da oralidade.

Fase 3: Contexto Geopolítico **3: Análise de Mapas (15 min):** Mapas 1, 2 e 3 (Anexo A).
Contextualização do espaço geográfico e político da Lunda. **Metodologia:** Apresentar: 1) **Mapa 1** (Geografia e política atual, foco na tríplice fronteira: Angola, RDC e Zâmbia). 2) **Mapa 2** (População da África Central: Lunda State, Luba State e Mussumba). 3) **Mapa 3** (Região da Lunda, evidenciando as populações com identidade ligada à Tradição Oral).

Aula 2	Fase Retomada	1: Revisão e Delimitação (15 min): Retomada do conteúdo da aula anterior, focando no conceito de tradição oral e na delimitação do espaço histórico da Lunda.	Conteúdo da Aula 1.
---------------	----------------------	--	---------------------

	Fase Apresentação da Fonte	2: Narrativa da Tradição Oral (20 min): Apresentação da Tradição oral de Luéji e o primeiro Muata Ianvo. Metodologia: Organização da sala em círculo. Indicar o contexto de produção da fonte (registro colonial). Narração da tradição oral (utilizando o resumo da Seção 1.2), incentivando intervenções e dúvidas.	Conteúdo do resumo da Seção 1.2.
--	-----------------------------------	---	----------------------------------

Fase 3: Análise em Grupo	Análise Aprofundada (15 min): Análise e discussão da fonte com foco nos elementos estruturais. Metodologia: Organização em grupos de até 5 estudantes. Entrega de recortes específicos da Tradição Oral (sucessão de Iala Macú, encontro Luéji/Ilunga, nascimento do Muata Iânvo). Produção de texto pelos grupos abordando os 3 focos de análise: 1) O que é uma tradição oral; 2) Importância da Tradição de Luéji e do Muata Iânvo; 3) Análise crítica da organização política da Lunda e perceber outras cosmopercepções para além da visão europeia (ações de Luéji, lucano, união coletiva).	Recortes do resumo da Tradição Oral (Apêndice A).
---------------------------------	--	---

Considerações finais

O presente artigo alcançou o objetivo de explicitar o potencial da Tradição oral de Luéji e o primeiro Muata Ianvo para o ensino de História. A pesquisa demonstrou que, por meio de uma metodologia de análise e descrição crítica de fontes, as tradições orais se tornam

poderosas ferramentas que permitem romper com a “história única” que fundamenta uma historiografia eurocêntrica presente nos conteúdos escolares.

A proposta didática apresentada oferece ao professor da Educação Básica um guia prático para levar a análise da fonte da História da Lunda para a sala de aula. O uso didático da fonte Tradição oral de Luéji e o primeiro Muata Ianvo é uma forma eficiente de promover o ensino de História, estimulando o(a) aluno(a) a pensar criticamente sobre o processo de produção do conhecimento. Além disso, permitindo que possam compreender cosmopercepções, cumprindo efetivamente as diretrizes curriculares para o ensino da História da África estabelecidas pela Lei 10.639/03.

Portanto, espera-se que este artigo sirva como um modelo para que outros professores e pesquisadores desenvolvam materiais aplicados, potencializando o estudo da História da Lunda e da História da África nos diferentes níveis de ensino.

REFERÊNCIAS

Fonte

CARVALHO, Henrique Augusto Dias de. Origem dos Povos de Lunda. *In: Expedição Portuguesa ao Muatiânvua: Ethnographia e Historia Tradicional dos Povos da Lunda*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1890. p. 60-74. Disponível em: <https://archive.org/details/ethnographiaehis00dias/page/60/mode/1up>. Acesso em: 20 ago. 2025.

Bibliografia

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. *In: O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 11.

BAIXAR, Mapas. **Mapa político da África com nomes de todos os países**. 1 mapa, color. Escala: 1 : 50.000.000. Disponível em: https://www.baixarmapas.com.br/mapa-da-africa/#google_vignette. Acesso em: 01 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular: educação é a base**. Brasília: MEC, 2017.

DIVAR, Lunda. **Lunda: peoples map**. 2025. 1 mapa, color. Disponível em: <https://lundadivar.org/les-people-lunda/#>. Acesso em: 09 nov. 2025.

FEIERMAN, Steven. African histories and the dissolution of world history [Histórias africanas e a dissolução da História mundial]. In: BATES, R. H.; MUDIMBE, V. Y.; O'BARR, J. (editors). **Africa and the disciplines: the contributions of research in Africa to**

the Social Sciences and Humanities. Chicago: University of Chicago Press, 1993, p.167-212. Tradução não oficial de Elisangela Mendes Queiroz para fins didáticos.

HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (edit.). **História Geral da África: metodologia e pré-história da África**. 2 ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212.

ISRAEL, Jeff (ZyMOS). African-civilizations-map-pre-colonial.svg. 2007. Mapa. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Local: [s.n.], 1 maio 2007. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:African-civilizations-map-pre-colonial.svg>. Acesso em: 9 nov. 2025.

M'BOKOLO, Elikia. As dinâmicas de longa duração - séculos XV-XVIII. In: M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009. p. 507-590. 1 t.

OYĚWUMÍ, Oyèrónké. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução para uso didático de wanderson flor do nascimento.

PALMEIRIM, Manuela. Paradoxos, fluidez e ambiguidade do pensamento simbólico (o caso ruwund): para uma crítica a alguns modelos de análise. **Etnográfica Revista do Centro em Rede de investigação em Antropologia**, vol. 12 (2), 2008, p. 353-368, jul. 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/1745>. Acesso em: 05 nov. 2025.

RIBEIRO, Elaine. **Barganhando sobrevivências: os trabalhadores da expedição de Henrique de Carvalho à Lunda 1884-1888**. São Paulo: Alameda, 2013.

TAVARES, Ana Paula. **História e Memória: estudo sobre as sociedades Lunda e Cokwe de Angola**. Lisboa, 2009. Tese (Doutorado em Antropologia)-Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

APÊNDICE

Apêndice A — Sugestão de Trechos Da tradição oral de Luéji e o Primeiro Muata Ianvo

A seguir, a recomendação de alguns trechos do resumo que podem ser apresentados aos alunos e os assuntos pertinentes a eles:

Debilitado, Iala Macú soube que seus últimos momentos chegavam. Temendo que os filhos tomassem o poder, passou seu lucano – o bracelete e símbolo de sua chefia – para Luéji. Assim, ela foi reconhecida como a herdeira de seu poder.

Esse trecho é interessante no aspecto de passagem de poder, por meio do lucano. É esperado que os alunos entendam que existam outras formas de passagem de poder, para além das experiências europeias.

A relação entre Luéji e Ilunga fortaleceu-se rapidamente. Ela o escolheu como noivo. A decisão foi aprovada por toda a coletividade dos Bungos, que temiam os irmãos de Luéji e viam grande força nela. Luéji e Ilunga casaram-se.

Esse trecho também reforça a noção de coletividade. Espera-se que os alunos consigam compreender que Lueji se torna um símbolo importante para a coletividade

Luéji engravidou de Ilunga e deu à luz a Noeji. Embora houvesse receio de que os irmãos de Luéji pudessem machucar o bebê, todos viam em Noeji a promessa de um poder legítimo, originado do matriarcado e capaz de unir as populações.

É esperado que alunos entendam a importância de Lueji, para além do Muata Ianvo, como parte fundamental do surgimento da Lunda.

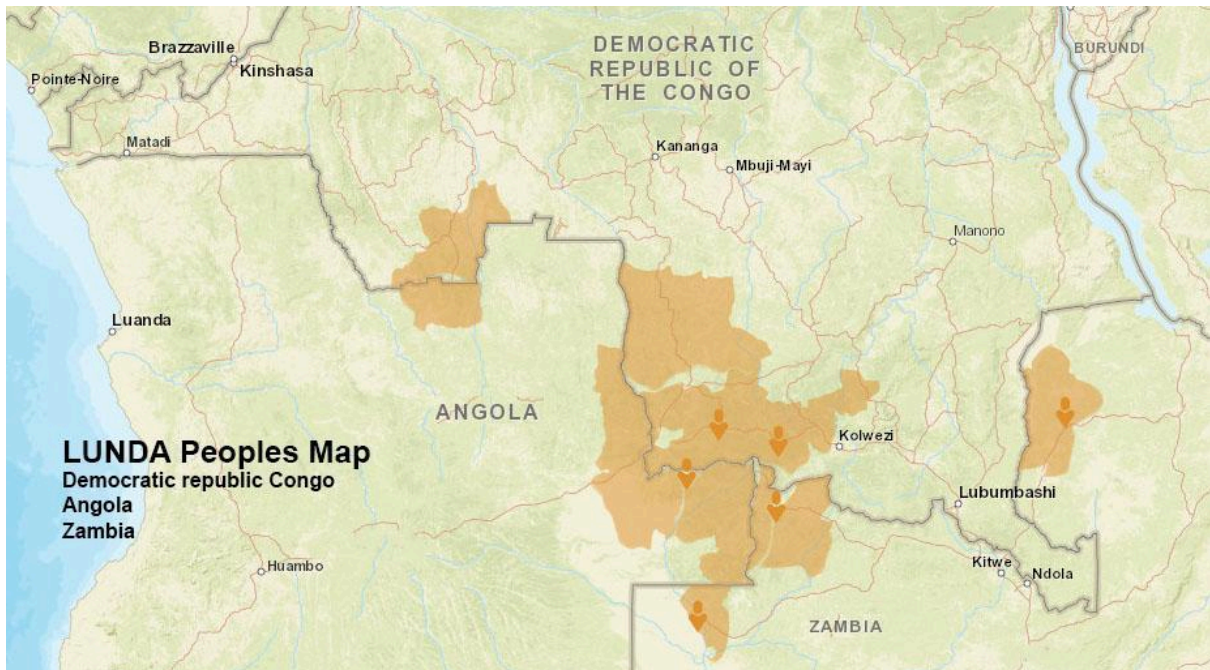
ANEXO

Anexo A — Sugestão de mapas para aula 1



Fonte: ISRAEL, 2007.

Mapa 3 - Mapa da Lunda.



Fonte: Les Peuples Lunda (2025).

Declaração de contribuição dos autores

Giulia Silva Cabral: redação - rascunho original, análise formal, conceitualização e investigação

Elaine Ribeiro: aquisição de financiamento, administração do projeto, supervisão, validação e escrita- revisão e edição

Vitória Massami Kikuti: conceitualização, validação e escrita-revisão e edição

Isaac Marques de Souza Garcia: conceitualização, validação e escrita-revisão e edição

Declaração de conflito de interesse

Os autores declaram que não há conflito de interesse.

Declaração de disponibilidade de dados

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi disponibilizado em Mukanda Histórica Digital e pode ser acessado em <https://app.unifal-mg.edu.br/historiadigital/>.

Declaração de uso de IA

Declaramos que a redação do presente trabalho contou com o suporte da Inteligência Artificial modelo Gemini 3.1 Pro, sob licença institucional da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), exclusivamente para revisão de linguagem: melhoria da gramática,

ortografia, clareza e estilo do texto. Toda supervisão, validação e autoria intelectual do artigo são de responsabilidade das autoras humanas.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.